

Cinema, Personagem, Importância

Cinema, Character, Importance

Lucas Ferraço Nassif Ferreira dos Santos¹

Resumo

Cinema, Personagem, Importância parte da análise feita por Susan Sontag das fotografias de Diane Arbus em seu célebre *On Photography* para, em seguida, pensar o documentário *Grey Gardens*. Um dos principais trabalhos dos cineastas Albert e David Maysles, o filme nos permite debater uma possível forma pela qual o cinema documentário constrói sua encenação, seus personagens e confere importância àqueles outrora esquecidos.

Palavras-chave

Documentário; Maysles; Grey Gardens; Diane Arbus

Abstract

Cinema, Character, Importance takes Susan Sontag's analysis of the photographs made by Diane Arbus in her known *On Photography* to think, afterwards, about the documentary *Grey Gardens*. One of Albert and David Maysles main works, the film allow us to debate one possible form by which the documentary cinema builds its scenes, its characters and confers importance to those who were in other times forgotten.

Keywords

Documentary; Maysles; Grey Gardens; Diane Arbus

¹ Artes Visuais, Cinema, Fotografia, Literatura e Teatro. Graduação em andamento na Escola de Comunicação da UFRJ. Programa de Aprofundamento em Artes Visuais da EAV-Parque Lage. Assistente no Núcleo de Tecnologia da Imagem da ECO-UFRJ. Intercâmbio Acadêmico com a Escola Superior de Arte e Design de St-Etienne.

To photograph is to confer importance (SONTAG, Susan, 2005, p.22). Li essa frase pela primeira vez no ensaio de Susan Sontag *America, Seen Through Photographs, Darkly*, parte de seu livro *On Photography*. Nele, Sontag insere tal pensamento ao escrever sobre o heróico humanismo existente na obra de Walt Whitman, sobre a capacidade do mesmo de generalizar a beleza – de percebê-la no trivial e no vulgar – e sobre a difusão dos ideais do autor de *Leaves of Grass* nas práticas de importantes fotógrafos. Sontag utiliza Whitman como escada para escrever sobre uma experiência fotográfica que ela percebe como *Americana* e, finalmente, realiza uma dura crítica ao trabalho da fotógrafa Diane Arbus. Ao escrever sobre Diane Arbus, Sontag põe em questão a forma ingênua pela qual a artista coloca em cena seus retratados. Para a escritora, a fotografia feita por Arbus sugere a atomização da condição humana em horror. A atitude da fotógrafa seria a de coletar pelo mundo dolorosas imagens, todavia sem a intenção de entrar no submundo de seus personagens. A câmera permitiria a visita de Arbus *à vida dos outros* sem intervir nas mesmas – os fotografados, assim, permaneceriam exóticos, sendo vistos por ela sempre do lado de fora.

Vejo no texto de Susan Sontag idéias interessantes que me ajudam a debater um trabalho em especial: *Grey Gardens*, documentário de 1975 dirigido pelos irmãos Maysles em equipe com Ellen Hovde e Muffie Meyer. Entretanto, deslocar os questionamentos da autora em direção a *Grey Gardens* é também repensar sua crítica. Seria o documentário apenas uma coleta de imagens dolorosas? De fato, ver e ouvir Edie e Little Edie Bouvier Beale – mãe e filha – causa sofrimento, mas será que de alguma forma *Grey Gardens* não reorganizaria o dispositivo cênico duramente criticado por Sontag? Estaria mesmo a equipe de filmagem sempre do lado de fora do submundo de seus personagens? Não teriam Edie e Little Edie se usufruído do filme?

Em *Grey Gardens* é possível enxergar como o documentário de observação é desmontado. A vida de Edie e de Little Edie são os tempos mortos: elas permanecem dias e dias em uma mansão de vinte e oito quartos nos Hamptons que cai aos pedaços. Elas guardam suas lembranças, suas frustrações e suas ilusões na memória que é ativada por fotografias, por discos, por espaços vazios. Não lhes restou mais nada a não ser seus gatos, pouquíssimo dinheiro, visitas esporádicas de poucos amigos, a companhia de uma da outra e

a própria casa. A entrada de uma equipe de filmagem, então, torna-se o evento. Diferentemente de *Primárias*, de Robert Drew, em que candidatos famosos são acompanhados durante suas campanhas, de *Gimme Shelter*, em que os próprios Maysles documentam os Rolling Stones em turnê pelos Estados Unidos – dois exemplos em que atenções estão dirigidas aos personagens não apenas pela equipe que produz o documentário – ou até mesmo de *Caixeiro-Viajante*, outro filme dos Maysles, – em que os personagens estão em constante relação com outras pessoas –, a mãe e a filha de *Grey Gardens* estão reclusas, confinadas em algo que outrora foi belo, deslumbrante.

Se nos retratos de Diane Arbus seus personagens parecem quase sempre calmos, em *Grey Gardens* são poucos os momentos em que Edie e Little Edie são captadas em calma. Elas precisam nos contar suas vidas. Em uma confusão de interações tanto com a equipe de filmagem quanto com a câmera em si (e tudo o que ela significa – estando aí a nossa futura relação com elas), mãe e filha *performam*. A coincidência entre personagem e pessoa explode na tela e elas falam. Edie e Little Edie falam urgentemente. Quando não falam, cantam. Quando não cantam, dançam. Elas têm consciência de seus corpos, de suas vozes e demonstram suas habilidades. Elas estabelecem monólogos entre si; cada uma em sua fantasia necessita da outra para tentar chegar ao seu ponto máximo.

Por que os Maysles, Hovde e Meyer deixaram no corte final dois momentos em que eles se filmam refletidos em espelhos? O filme *A Vida dos Outros* (*Das Leben Der Anderen*), em que um agente da polícia secreta da Alemanha Oriental tem sua própria vida colocada em turbilhão ao vigiar um dramaturgo, encena a complexidade do posicionamento de um homem como observador. É por causa da câmera e da equipe que Edie e Little Edie abrem seus álbuns fotográficos, trazendo para a tela imagens do passado que desencadeiam um penoso processo verbal de reconstituição de fatos aleatórios. Quando os Maysles se filmam, eles denunciam sua presença, mostram-nos o ato cinematográfico: revelam sua intervenção naquele espaço material e imaterial, naquela mansão, na vida daquelas duas mulheres. A imagem dos Maysles refletidos no espelho enquanto atuam Edie e Little Edie conversa com as questões levantadas por Susan Sontag acerca do posicionamento do lado de fora e ingênuo de Diane Arbus. Mesmo que por apenas aquelas semanas em que o documentário foi rodado, algo – ou algumas coisas – foi alterado. Ao deixarem as imagens dos espelhos no corte final,

a equipe fala de sua consciência como equipe de filmagem e de sua responsabilidade frente ao poder que é o Cinema.

Referências bibliográficas

SONTAG, Susan. *On Photography*. New York: RosettaBooks LLC, 2005.